

1º PRÉMIO

Celso Alves Pais

Título:

Timóteo, O Lavrador

Texto:

Timóteo, um lavrador solteirão, vivia angustiado por não ter uma mulher. Depois de muito magiar, decidiu consultar a bruxa da sua aldeia, que era uma cartomante muito experimentada. Era a Tia Ermelinda. E lá foi, um pouco envergonhado, diga-se. Abriu-se e falou-lhe da tristeza em que vivia, rogando-lhe ajuda para que não tivesse de passar o resto dos seus dias sozinho. Queria uma mulher, custasse o que custasse. A Tia Ermelinda lançou as cartas, refletiu e disse-lhe: - Olha, Timóteo, aqui as minhas cartinhas dizem-me que encontrarás a mulher que procuras numa rua onde, em tempos, viveram mouros; tem um chafariz no largo que lhe põe fim. Terás de bater a uma porta que tem o número vinte e nove. O resto é contigo. Se tiveres esperteza, trazes a rapariga para tua casa.

Cinco horas da manhã. Timóteo, que deixara a mala pronta na noite anterior, saiu da cama com entusiasmo. Daí a uma hora, o Joaquim teria a carroça pronta para o levar à estação. O macho ainda teria de trotar uma boa meia hora até lá chegar. O comboio partiria às sete e um quarto. E o comboio partiu, levando lá dentro um homem cheio de esperança. Foram sete longas horas de viagem, mas Timóteo nem as sentiu. Cerca do meio-dia agarrou-se ao farnel que preparara na noite anterior. Chouriça cozida, bola de carne e queijo de cabra, que a sua navalha afiada cortava em fatias muito uniformes. Era um regalo vê-lo comer e beber.

Quando chegou à capital a tarde ainda era uma criança. Passeou um pouco à beira do rio, sentindo na pele do rosto um afago da maresia. Enquanto deambulava, começou a pensar na forma de alcançar a tal rua onde estaria a mulher que as cartas anunciaram. O bulício da cidade excitava-lhe a confiança em si mesmo. Sentia-se protegido por tudo aquilo que as cartas da Tia Ermelinda tinham pressagiado.

Eram agora cinco horas da tarde. Sentou-se numa esplanada e mandou vir uma ginja. Bebeu-a dum trago. A esta, seguiram-se mais três. Agora, sim, estava preparado para enfrentar a sua demanda. Antes, porém, tratou de arranjar uma pensão para pernoitar. Por ali havia várias. Escolheu uma virada para o rio. Guardou a mala no quarto, tomou um banho, barbeou-se e toca a andar.

Já em plena rua, Timóteo dirigiu-se a um agente da polícia e perguntou-lhe onde ficava uma rua de um bairro de mouros, que tinha um chafariz no final.

- Olhe lá, você deve estar a brincar comigo, não? Então você acha que só há uma rua com chafariz, nesta cidade? - disse o polícia, numa atitude paternal.

Timóteo, não vendo animosidade nas palavras do agente, disse-lhe de onde vinha, e que era a primeira vez que visitava a capital. O polícia, ao ouvir a proveniência do provinciano, deu logo conta de que se tratava da região onde nascera o seu avô paterno. E acrescentou:

- Ah, isto agora muda de figura. Você não é de má terra, não senhor! Ora vamos cá ver: essa rua que me falou só pode ser no Bairro do Castelo. Mas, a pé, nem pensar, porque ainda é um bom bocado. Vá ali alugar uma charrete e diga ao condutor para o levar à Rua dos Tabelaões. Não pode ser outra.

- Ó Sr. guarda, nem sabe como lhe estou agradecido. Se o senhor não estivesse de serviço, íamos beber um copinho, os dois.

- Vá à sua vida, homem, e espero que resolva o que tem a resolver cá na capital.

Timóteo alugou uma charrete, e passados quinze minutos estava no início da Rua dos Tabelaões. As pernas tremiam-lhe e o coração batia com força. Estava perto da casa onde ia encontrar a mulher para o resto dos seus dias. Bateram as sete horas no sino duma capela ali próxima. Sentiu

fome e pensou que o melhor era meter qualquer coisa à boca antes de empreender tão exigente tarefa.

Havia um tasco, ali perto. Entrou e pediu um prato de torresmos, regando-os duas canecas de cerveja. Pagou, ajeitou o fato e toca a procurar o número vinte e nove. Foi andando e reparou que todas as casas tinham vasos nas varandas. E eram lindas aquelas flores.

Bailava no ar uma leve brisa, morna. Duas vizinhas falavam uma para a outra em varandas contíguas. Muito atento aos números das portas, Timóteo rapidamente reparou que a contagem estava a decrescer. Faltava pouco para chegar ao vinte e nove.

Chegou. Nas paredes da casa havia cartazes que anunciavam fados e guitarradas. Que seria aquilo? Tangeu o batente e veio atender uma mulher de compleição forte, por quem uns bons sessenta anos já tinham passado.

- Isto só abre às dez da noite, freguês! – Disse a mulher, com ar de coirão.

E fechou a porta. Faltava uma hora e meia para as dez. Timóteo estava confuso. Aquilo parecia-lhe uma casa de putas. Mas, não ia desanimar; talvez estivesse ali a mulher de que as cartam falaram. Voltou para o tasco. Pediu uma cebola com sal e um copo de três. Fez tempo.

Entretanto, começou a preocupar-se com o retorno para a pensão. Tinha de arranjar uma charrete que o levasse de volta, com mulher ou sem mulher.

O silêncio ia-se instalando na Rua dos Tabeliães, à medida que a noite se insinuava na cidade. Timóteo sentia uma solidão ainda pior do que aquela de que padecia na sua casa da aldeia. Mas o copo de vinho alegrou-lhe o coração e pôs-se novamente em marcha, na direção do número vinte e nove. Faltavam dez minutos para as dez, quando entrou no lupanar. A mulher que o atendeu da primeira vez olhou para ele com um certo desdém e comentou, para quem quis ouvir.

- Ora aqui temos um freguês apressado. Ainda não são dez horas.

Dois marmanjos com ar de proxenetas estavam encostados ao balcão. Sorriam entre dentes, ao ouvir as palavras da matrona. Um deles, com uma barba cerrada que não era cortada há três dias, tinha um cigarro encaixado na orelha, enquanto engolia avidamente o fumo do que estava aceso. Não tardaram a descer as raparigas da casa e assomaram a um pequeno estrado os dois músicos que iam a acompanhar a fadista.

Timóteo estava deslumbrado com a maneira como as raparigas tinham pintado os seus olhos. Entretanto, começaram a entrar na casa mais clientes e foi anunciado o nome da fadista, que apareceu à vista de todos com um belo xaile preto, bordado com flores amarelas, azuis e cor-de-rosa. O xaile caía-lhe sobre os braços. A fadista colocou as mãos nos quadris e atacou o primeiro fado.

Antes da música ter início, já uma das raparigas se tinha sentado na mesa de Timóteo. Nem um nem outro falaram. Quando acabou de ser cantado o primeiro fado, a moça disse para o lavrador:

- Então, é a primeira vez que você vem ouvir cantar o fado? Está a gostar?

Timóteo lembrou-se da Tia Ermelinda e deduziu que seria aquela a mulher que lhe foi prometida pelas cartas. E respondeu, de imediato:

- Lá na minha terra, não há mulheres fadistas, mas temos lá o Tio Serafim, que canta que é uma maravilha. E toca a guitarra enquanto canta. É na taberna da Maria Peruca. Mas é só quando lhe dá na veneta. Ora bem, vamos pedir qualquer coisa para beber enquanto não começa o próximo fado. Tu queres vinho ou cerveja?

A rapariga respondeu, com denodo:

- Eu bebia uma aguardente de medronho, se você não se importar.

- Pois que venha isso e uma caneca de vinho para mim.

O hálito de Timóteo não conseguia dissimular a cebola que tinha comido enquanto fazia horas para a abertura da casa de fados. A rapariga, de seu nome Maria dos Anjos, já percebera que no trabalhinho daquela noite tinha de suportar o cheiro a cebola que exalava da boca do seu cliente.

Vieram as bebidas para a mesa. Ela ergueu o copo de aguardente e fez um brinde. Depois do primeiro trago, Maria dos Anjos perguntou a Timóteo o que o trazia à capital. Ele, atónito,

retorquiu:

- Então, não sabes? Eu venho buscar-te para te levar comigo para a minha aldeia. Uma velha, que lá deita as cartas, mandou-me aqui, e disse-me que aqui estava a mulher que me haveria de fazer companhia para o resto da vida. E olha que não vais mal. Tenho quatro grandes leiras, muitas vacas e porcos, e galinhas, nem sei quantas são. A ti, nada te vai faltar. Nem a algum vindouro que nos nasça. E, digo-te já, que não venho de carteira vazia.

Aquilo já era o vinho a fanfarrear, e Maria dos Anjos apercebeu-se logo que tinha a noite ganha. Manteve-se calada, enquanto ouvia Timóteo a gabar-se do belo milho que cultivava e do bom presunto que defumava. Tudo da sua lavra.

Ao fim do quarto fado, os guitarristas folgaram. Maria dos Anjos pediu licença para ir aos lavabos. Timóteo já esgotara a caneca e agora apetecia-lhe outra, desta feita, para festejar o novo rumo que a sua vida ia levar. Com o olhar turvado pelo álcool não se chegou a aperceber que a “sua” mulher estava a falar, junto ao balcão, com o homem de cigarro atrás da orelha.

Regressou à mesa e disse a Timóteo:

- Bem, se vou ser a tua mulher, então festejemos. Venha mais aguardente, e vinho para ti.

- Pois que venha, que quem paga é o homem com quem te vais casar na minha aldeia!

Começava a falar alto, mas, no meio da vozeria da clientela, a sua voz não chegava a sobressair. Fizeram outro brinde. Timóteo ria-se como um louco, porque não conseguia conter a excitação que aquele momento lhe gerava. Porém, ainda a caneca ia a meio, começou a sentir uma grande sonolência e confessou isso à companheira. Ela, que esperava há alguns minutos esta ocasião, propôs-lhe o seguinte:

- Olhe lá, não era melhor você ir lá em cima, ao meu quarto, descansar um bocado, e depois voltamos para aqui?

- Tens razão, eu só preciso de dormir uma hora, e fico logo fresco. A noite é nossa. – Disse o lavrador, com a voz arrastada.

Levantou-se, a custo, amparado nos ombros de Maria dos Anjos. Lá se arrastaram até às escadas de madeira, que davam acesso aos quartos das raparigas da casa. Ao longe, o proxeneta presenciava a cena e ria-se para o amigalhaço com quem estava ao balcão, emborcando cervejas, umas atrás das outras. Foi este meliante que, sem ninguém dar conta, introduziu na segunda caneca de vinho do Timóteo um pó que o haveria de arrochar por completo. Estava combinado com a prostituta.

Com bastante esforço, Maria dos Anjos conseguiu deitar o seu cliente na cama. Parecia chumbo. Mal se estendeu no leito do prostíbulo, Timóteo começou a risonhar, que até parecia um porco. A oportunidade estava agora a oferecer-se à ladra. Num ápice, alcançou a carteira do infeliz e deixou-lha completamente vazia. Depois, fez um pouco de tempo. Não tinha passado um quarto de hora e entrava no quarto o proxeneta e o seu compincha.

A prostituta voltou ao rés-do-chão, descendo pé ante pé as escadas, exatamente na altura em que a fadista rasgava mais um fado, numa atitude brejeira. Ninguém deu conta do seu regresso ao salão. Todos tinham o olhar fixado na fadista.

Entretanto, lá em cima no quarto, os dois safados abriam a porta do quarto que dava para o pátio das traseiras. Era aí que estava uma carroça que haveria de transportar o corpo adormecido de Timóteo. Pegaram-lhe pelas pernas e pelos braços e depositaram-no na carroça.

Já passava da meia-noite e não havia viva alma na rua. Só o som dos fados inundava o ar. Com todo o à vontade, os dois meliantes – cada um agarrando uma haste da carroça – percorreram cerca de um quilómetro, até chegarem a uma rua que tinha um pequeno jardim ao centro. Foi aí que abandonaram Timóteo, que continuava a dormir profundamente e a risonhar como um javali. O pobre coitado ali ficou estatelado, ao relento, até às cinco da manhã. O dia dava mostras de querer riar. O arrebol matinal exibia a sua imponência, com as nuvens a arder, num tom alaranjado.

Muito perto do jardim onde depositaram o corpo inerte de Timóteo, passava, entretanto, uma padeira, que ia buscar o pão para distribuir às freguesas. A mulher estugou o passo, logo que identificou a silhueta de alguém, estendido na relva. Aproximou-se um pouco mais e concluiu que era um homem, talvez um vagabundo sem teto. Sentiu-o risonhar e, instintivamente,

perguntou:

- Ei! Você está bem?

Como não tivesse ouvido qualquer resposta, tocou ao de leve no corpo Timóteo dando conta que estava gelado. Decidiu ir pedir ajuda, pois havia ali perto uma esquadra de polícia. Não tinha andado uns dez metros, quando ouviu algumas palavras vindas do desgraçado:

- Onde é que estou? Ai Jesus, que estou perdido! Quem é que me trouxe para aqui?

A padeira voltou para trás. Aproximou-se de Timóteo e disse-lhe:

- Ó homem de Deus, você está regelado. Venha daí. A leitaria não tarda a abrir e você precisa de um café quentinho.

Lentamente, começaram a aflorar ao espírito do lavrador todas as peripécias da casa de fados.

Deitou a mão à carteira, abriu-a ansiosamente e constatou o que mais temia: tinha sido roubado.

Não lhe restava um chavo. E desabafou:

- Ó minha senhora, eu sou um homem de bem. Eu vim à capital; fiquei numa pensão e ontem à noite fui roubado.

- Quê? Roubaram-no lá na pensão? – perguntou a padeira, com toda a justeza.

- Não, minha senhora, eu fui a uma casa onde cantam o fado e onde havia mulheres da má vida. E foi lá que me roubaram.

A padeira estava agora intrigada sobre a razão que o trouxe à capital e não tardou a perguntar:

- Então, mas vossemecê veio à capital para ouvir fados?

Timóteo, muito ruborizado, evitou responder, limitando-se emitir um simples desabafo:

- Eu sou um infeliz, minha senhora. E não é por falta de dinheiro. Eu vim à capital à procura duma mulher, porque vivo só.

- Mas não há mulheres, lá na sua terra? – atalhou a padeira.

- Nenhuma me quis. E acabei por ir a uma...

- A uma quê?

Embargou-se a voz do lavrador e nada dela saiu, porque a ignomínia apoderou-se da sua carne.

Numtom lamuriante, desabafou outra vez:

- Eu só queria regressar à minha terra. Mas, agora, nem dinheiro tenho para o comboio.

- Ó homem, tenha calma; alguma coisa se há de arranjar. Venha comigo à leitaria, que você precisa de um café bem quente. Não se preocupe com o dinheiro.

Dali abalaram para a leitaria. Timóteo caminhava, corcovado. Entrelaçou os braços no peito, para enganar o frio. De repente, assomou um pensamento à sua cabeça: “Ah, bruxa velha, que tu é que tens culpa disto tudo; quem sabe se não te mando para o outro mundo quando regressar à minha terra...”

Timóteo compôs a postura antes de entrar na leitaria. Aprumou-se um pouco. Antes de entrarem, a padeira tinha-lhe dado uma nota, evitando assim a vergonha de um homem tomar algo ali, à custa de uma mulher. Sentaram-se numa mesa junto a uma parede que tinha um quadro com dois comerciantes. Um deles, apresentava-se gordo e com ar de prosperidade; o outro, de aspeto cadavérico, exibia uma atitude depressiva, colocando a mão na cabeça, como um arruinado. Por baixo do homem gordo, estava escrita a frase: “Yovendí al contado”. E por baixo do escanzelado, a frase: “Yovendí a crédito”. Timóteo olhava o quadro, fixamente, e era para o comerciante arruinado que os seus olhos se direcionavam. Via-se todo ali.

Reparando no facto de o lavrador estar tão absorto, a padeira interveio:

- Ó homem de Deus, pare lá de magicar na vida. Você fica aqui, enquanto eu vou distribuir o pão às minhas freguesas. Depois, passo por cá e havemos de resolver alguma coisa.

Confortado com aquelas palavras, Timóteo desabafou:

- Você é uma santa mulher. Nem sabe como lhe estou agradecido. Se estivesse em minha casa, havia de a recompensar, que eu não sou homem de passar necessidades. Tenho quatro leiras e muitas cabeças de gado. Já agora, você como se chama?

- Isaura. E você?

- Chamo-me Timóteo.

O sol lambia já alguns telhados, quando a padeira saiu da leitaria. Mais aconchegado pelo café de cevada quentinho, que acompanhou dois biscoitos de manteiga, o lavrador sentia uma réstia de

esperança. Isaura haveria de voltar e, talvez, emprestar-lhe dinheiro para ele regressar à terra. Ali ficou, imóvel, numa paz ilusória, olhando para o quadro dos comerciantes. Depois, à medida que iam entrando outros fregueses na leitaria, a sua atenção descentrou-se do maldito quadro e olhou com satisfação para o rosto das pessoas, que bebiam o seu café com leite e tragavam um papo-seco com manteiga. Falavam e riam. Timóteo invejou-lhes a alegria matinal.

Sem dar por isso, Timóteo dormitou um pouco, apoiando o cotovelo na mesa e segurando a cabeça com a palma da mão. Despertou, mas não tardou a cair num sono mais carregado, desta feita, adotando uma postura de braços cruzados e cabeça caída sobre o peito. O dono da leitaria observava-o, de dentro do balcão.

Timóteo nem deu pelo tempo a passar. Eram já quase nove horas e meia quando sentiu um toque no braço e acordou. Era Isaura, que, tal como prometera, voltou à leitaria.

- Então, senhor Timóteo, isso é que é dormir, hem!

- Ó senhora Isaura, desculpe. Eu não aguentei o sono. Puseram-me qualquer coisa no vinho, lá na casa dos fados. Foi por isso que me encontrou no jardim. Os sacanas lançaram-me para ali, como um cão. Filhos da ... Oh, desculpe, que eu já nem sei o que digo.

Isaura sentou-se e mandou vir café com leite. Ficou em silêncio, olhando para o lavrador com olhos de piedade. A cabeça da mulher dava voltas sem fim; não sabia se era melhor ir-se embora ou propor ao homem que se fosse a casa dela para lhe lavar a roupa. Talvez lhe emprestasse o dinheiro para ele regressar à terra. Timóteo já não aguentava o peso daquele silêncio e disse a Isaura:

- Você já perdeu muito tempo comigo. Está na hora de voltar para a sua casa, para junto da sua família.

- Eu não tenho família, senhor Timóteo. – Respondeu, prontamente.

- Então a senhora vive sozinha?

- É verdade; sou viúva.

- Desculpe, não queria meter-me na sua vida.

- Não tem nada de mal, senhor Timóteo. Olhe, você vai a minha casa lavar-se e eu trato-lhe dessa roupa, que está imunda, e passo-lha a ferro. Você não pode voltar para a sua terra nesse estado. Ao ouvir esta oferta, Timóteo reacendeu a chama do ânimo. Mas manteve um ar timorato e disse, simplesmente:

- Isso é muito trabalho para si, senhora Isaura. Você não tem obrigação nenhuma de fazer isso.

- Não se preocupe. Vou pagar o meu café com leite e, a seguir, abalamos.

E assim foi. Timóteo sentia agora o ar quente da rua e caminhava ereto, incapaz de dissimular a alegria que o inundava. Caminhavam os dois calados, como que já pairasse no ar um segredo, só deles.

A casa de Isaura não distava muito da leitaria. Não sendo um casebre, também não abundava em espaço. Era um rés-do-chão. Tinha uma pequena cozinha, um quarto e uma sala, exígua.

Chegaram. A casa era um esmero, no que à limpeza diz respeito.

- Isto é pequeno, mas dá muito bem para mim – disse Isaura, num tom justificativo.

E o lavrador não conteve o sentimento que lhe invadiu a alma e desabafou:

- E vivo eu numa casa tão grande, na minha aldeia... Para que preciso eu duma casa tão grande, meu Deus? Para lá estar sozinho...

Isaura não fez qualquer comentário. Disse-lhe, entretanto, para ir ao quarto de banho tirar a roupa e embrulhar-se num cobertor, depois de se lavar.

Isaura entregou-se à tarefa da lavagem da roupa de Timóteo e não demorou a fazê-la esvoaçar ao vento, numa corda do estendal que estava montado no pequeno quintal das traseiras. Dali a duas horas a roupa estava seca e Isaura agarrou-se ao ferro a carvão, para engomar as vestes do lavrador.

Timóteo tinha-se escanhado com o pincel e a navalha do falecido de Isaura. Agora parecia outro. Retomou aquela cor rosada nas bochechas. A sua anfitriã preparou um almocinho – uns ovos com toucinho, pão e caldo – e comeram juntos. Depois de almoço, ela convidou-o a irem dar um passeio ao parque de diversões e ele aceitou. De vez em quando, Timóteo dizia a Isaura, com um ar fanfarrão:

- Hei de mandar-lhe umas boas notinhas quando chegar à minha terra. Eu hei de recompensá-la, senhora Isaura.

- Não precisa de me tratar por senhora. Chame-me só pelo meu nome.

Regressam a casa quando a tarde se mostrava já carregada de nuvens e uma brisa fresca convidava ao aconchego de um teto. Ele, atacado, subitamente, pelo seu orgulho aldeão, exclamou:

- Pronto, Isaura, temos de nos despedir. Eu vou ver se arranjo para aí um albergue onde durma e amanhã vou à Misericórdia contar a minha situação, para ver se arranjo dinheiro para regressar à minha terra.

- Você é que sabe a sua vida, mas eu estava disposta a emprestar-lhe o dinheiro para o comboio. E estava também a pensar dar-lhe dormida esta noite em minha casa. Abria-se o divã que tenho na sala.

Todo ele se derreteu ao ouvir esta proposta. Rematou:

- Pois eu aceito, Isaura, mas hei de pagar-lhe, hei de pagar-lhe...

Recolheram à casa de Isaura e cearam juntos. Conversaram um pouco, depois da ceia e não tardaram a deitar-se.

- Boa noite, senhor Timóteo.

- Boa noite Isaura. Também gostava que não me tratasse por senhor.

A paz inundou o espírito do lavrador. O sono estava já a rondá-lo, mas, antes de adormecer, pensava na sua aldeia e, simultaneamente, nas horas que tinha passado com aquela mulher, que estava agora a dormir não muito longe de si.

A lua espreitava pela cortina da sala e espalhava a sua luz pelos móveis. Tudo era silêncio e tranquilidade.

Não passava muito das três horas da madrugada, quando Timóteo deu conta que a porta do quarto de Isaura se abriu. Permaneceu imóvel, debaixo dos lençóis. De repente, sentiu entrar-lhe na cama um corpo quente envolvido numa camisa comprida de cambraia. E sentiu também os cabelos negros de Isaura roçarem-lhe as faces do rosto. O coração do lavrador começou a bater a toda a brida. A claridade da Lua permitia-lhe ver, em todo o seu esplendor, o corpo redondo de Isaura. Ela, que nada trazia vestido por baixo da camisa de noite, desnudou-se completamente. Em seguida, desapertou o pijama de Timóteo, abstraindo-se de que aquele pijama foi usado muitas noites pelo seu defunto marido. O púbis peludo de Isaura percorria agora as coxas do lavrador, que sentiu, pela primeira vez na sua vida, as entranhas molhadas de uma mulher. Entrelaçaram os seus corpos até ser manhã. Enquanto tinha Isaura nos seus braços, Timóteo percebeu que a vida é feita de um destino que não está nas cartas das bruxas, mas também parece não estar na vontade dos homens.

Isaura não foi distribuir pão naquela manhã. Quando o sol tomou o lugar da Lua, e a pequena sala começava a aquecer, os amantes caíram num sono profundo, do qual só emergiram por volta das onze horas. Abraçaram-se e beijaram-se mais uma vez. Mal terminou este beijo, Timóteo perguntou à mulher que lhe roubou a virgindade:

- Ó Isaura, tu queres ir comigo para a minha terra e vivemos lá os dois?

- Quero, Timóteo...

2º PRÉMIO

Fernando Jorge Costa Paulino

Título:

A Casa Amarela

Texto:

1

Todos os dias olho o rio, as palavras azuis
são ainda navegáveis.

Trabalho as palavras luminosas, as que brilham
sobre as águas dos dias, algumas serão barcos
capazes de navegar na lonjura do azul,
outras serão casas, náufragas de um chão,
mas terão sempre o perfume e as lágrimas
da maresia.

Preparo assim o caminho antes de me perder,
da janela onde rescrevo o lugar do olhar,
a vida ainda se pode salvar, em jangadas
de livros já lidos, com páginas de poesia.

2

Dos céus crescia o chão, deste nasciam
as árvores e destas os rios dos livros
que enchiam as estantes espalhadas pela casa.
Poemas e mais poemas, milhares de páginas
de poesia com aves no rosto e mundos nas mãos.

Nessas manhãs em que esperava as palavras
andava diferente, murmurava coisas sem nexo
numa voz distante, numa voz abafada.
Perdido pela casa procurava o longo abraço
da luz que entrava pelas janelas, a paixão
que vinha no vento e espalhava sementes.

3

Quando começou a amanhecer eu andava
ainda perdido pela casa, ainda ouvia
a tua voz clara a flutuar entre a memória
das paredes.
Quando começou a amanhecer o silêncio
tinha o teu nome, ainda que este fosse só
um sinal nas minhas mãos.

O verniz do piano lembrava-me as tuas unhas,
um verniz azul como o rio, nas tuas mãos
onduladas, nas tuas mãos navegáveis.

No verniz dos dias, os lugares que para nós
foram novos, feitos para começar de novo.

4

Cada poema era ainda uma viagem ao coração.
O sabor dos versos não escondia a saudade
debaixo do tempo. O amor teve a duração
de uma vida e prolongava o tempo da vida.

Os dias regeneravam a esperança, respiravam
a liberdade das páginas com poemas audazes.
Quando voltou a amanhecer eu ouvia
ainda as músicas que cantavas pela casa,
porque só assim os dias faziam sentido.

5

Abro o mapa da casa sobre o rio, procuro
um azul marginal, um outro lado
onde arrumar os instantes da vida.
Regresso ao ponto de partida, ao centro
nervoso do tempo, à consciência de recriar
o mundo da escrita.

Estou recetivo à confissão das palavras,
reencontro o silêncio na casa, onde o vento
aberto do poema destapa as vagas que engolem
os navios no registo da luz.
A tua partida enrolou a poesia em papel
de jornal, poemas que agora sujam os dedos,
longas impressões quase que digitais.

6

Não há margens nas velas do sonho,
barcos de papel levam-nos pelos rios
da nossa imaginação.
Na casa do poema a janela do olhar
aberta aos ventos da manhã.
Os poemas são casas habitáveis crescendo
no ímpeto do seu rio.

Mar de aproximações ao mundo os recantos
da casa, a mesa do poeta coberta de livros
e folhas soltas, o vidro da janela salpicado
de incertos aguaceiros. Lá fora o vento frio.
Mais frio o mundo a lutar pelos homens.

7

A cidade vive o coração da páscoa,
escrevo para habitar a esperança.
Os poemas são mais claros quando
a manhã se reflete no rio, a luz

dentro das palavras. Os poemas
a procurar dar sentido aos dias.

Um barco de papel a desejar navegar
no rio, a casa a entrar na minha solidão,
a tua ausência a fazer-se sentir, a pesar
no silêncio do frio.

8

Nessa tarde não me apetecia falar com ninguém,
na claridade da página algumas palavras
esquecidas das horas iluminavam a alma,
as mãos a procurarem abrigo para a saudade
os braços estendidos, cravados no desejo
de te voltarem a abraçar.

Ainda assim uma pequena luz percorria-me
as veias, escondendo-se na sombra do olhar,
era ainda breve a intimidade da poesia.

9

Aquela manhã era diferente das outras,
era uma manhã de janelas abertas, a serra
perfumada a lavar a mágoa deste poeta.
Feitos de tempo e palavras inacabadas
os meus olhos voavam com as aves, as asas
a abrir o redondo do sol.

Naquela manhã regressaste a casa
como se nunca tivesses estado ausente,
como se tivesses apenas ido ver o mar.
Abri uma garrafa de vinho e brindámos
ao rio do tempo que atravessava ainda
a geografia do nosso silêncio.

10

O vento sopra a nosso favor nesta viagem,
a casa é uma ancora que nos prende a nós,
não podemos ter medo de sermos felizes.
Os abismos, tal como os poemas, também
são habitáveis.

Deixamos de planear os dias, brindamos
aos nossos amigos, às promessas por cumprir,
às memórias feridas, a tudo o que perdemos,
brindamos a tudo o que ainda temos.
Azul é sempre que um rio afluí ao coração.

11

Do outro lado da casa o musgo adapta-se
às paredes, é uma cicatriz que nos abraça.
Movem-se os olhos vencidos pelas novas
palavras da escrita.
Todas as margens começam e terminam
no rio, numa cidade à beira de um poema.

São as ondas que nos procuram, estamos
deitados na areia, esperamos a espuma
branca dos dias que nos há de trazer
a sua fresca alegria.
No deserto da poesia, no sal das manhãs,
a nossa casa é um rio azul.

12

Perdemo-nos nas coisas simples: nos olhos
iluminados de histórias por contar, nos beijos
sonhados do mar.
Brincamos com barcos de papel, as palavras
lentas, esquecidas na ondulação da casa.

Temos sempre um poema por escrever, uma luz
na tormenta. Moramos na noite, perdidos nas
sombras, os nossos rostos no rosto do poema,
ainda temos forças para reencontrar o tempo.
Amanhã vamos arrumar versos em gavetas
e criar mundos novos onde as palavras
nunca entristeçam.

13

Dentro da casa a noite empresta-nos o seu dia,
as palavras nascem da ansiedade e de algumas
sílabas para vencer o medo.
Os sonhos constroem-se de casas, de portas abertas
ao mar, de janelas de espanto e corações de sal.

Perseguiamos a esperança num verso, o rio da escrita
soletrado no curso migratório do teu olhar.
A vida como o mar a mudar de marés, a enrolar
o amor onda a onda, a prolongar o nosso tempo.

14

Bandos de palavras voltam aos lugares da casa
viajam nas asas dos versos, poisam nos beirais
do peito e desatam nós, nomeiam o poema
e o poeta.
Misturamos na página: um veleiro sonolento,
uma força que nos ata ao leme, uma âncora
para as palavras.

Damos abrigo ao fogo, do sangue as respostas
para o sal, no mar o renascer ardente do luar.

A noite iluminada na luz branca de um verso,
registamos na alma o lento respirar da terra.

15

O poema tem de navegar, tem de rasgar o azul,
pode ser barco ou asa, pode ser vela ou voo,
pode ser ponte ou casa.

As nossas palavras são um rio que amanhece,
queremos apagar os velhos destinos, lançar
versos perfeitos no esquecimento do vento.

O nosso mundo a voltar devagar, a anoitecer
na ternura do teu olhar, a repetir as sílabas
imperfeitas do nosso amor.

O nosso mundo com lábios de espuma, a nascer
das águas entre a caligrafia do mar.

16

Passamos a manhã a descobrir a vida,
tudo são sonhos sobre o papel branco,
a teu lado sigo no reencontro do coração.
Pergunto-me se estás feliz, se ainda acreditas
na poesia, se pressentes o caminho das palavras.

Vejo no teu rosto o mar, as ondas de menina
a cada novo sorriso, o vento de sempre inventar.
Oíço o teu nome em cada travessa, o bater dos
versos a cada porta.

Ancoro no teu olhar, líquido como o rio.

17

Encomendámos uma manhã de verão
propícia ao esquecimento.
Caminhamos pela vazante do rio
afogando as mãos na rotina branca das ondas.
A tudo o que sentíamos regressámos:
à esperança, ao corpo, às palavras.

Na claridade desse dia, decidimos resgatar
alguns sonhos, reencontrar a liberdade,
prolongar o nosso tempo.

Entre o que queremos esquecer estão algumas
sombras. Entre o que queremos salvar
está a alma e a coragem do teu olhar.
Ainda é cedo para acordar os nenúfares.

18

As nossas palavras viajam pelos lugares
do coração, tentamos devolver as nascentes
à substância da fala.

Tentamos adaptar-nos ao deslumbramento,
reaprender a esvoaçar nos ventos do espanto,
trocar os abraços da casa pelo vagar dos navios,

amarar na reconstrução do nosso amor ao mar.

Os sonhos adormecem no poema, nas palavras
que criam suaves incertezas, nos livros cheios
do sol do teu nome.

Já é tarde, para naufragar na poesia.

19

O poema é este navegar nas páginas iluminadas
do rio, escolher a cor das palavras que fazem
cada madrugada, as letras que nos unem ao azul.

O leme dos dias nas tuas mãos serenas, a curar
a saudade que deixou à deriva o coração.

A poesia a criar um diálogo com a vida, a unir
versos no teu olhar, a interrogar a ternura
no mapa que trazes no rosto, a abraçar
as nossas estórias da casa amarela.

20

Hoje já cansados de tantos degraus, acabamos
o dia como o começámos... a olhar o mar.

A vida nas asas adormecidas no azul.

O mundo precisa de mais sol e menos palavras,
o coração não pergunta porque bate, não sabe
porque ama, não trabalha para versar.

É a palavra que edifica a casa, sílaba a sílaba,
para depois a habitar.

Nesse dia, não havia vento para amar e tudo
nos parecia lento: o sopro dos musgos,
a linguagem da pele, o desenrolar das conversas.

21

Continuamos a escrever a arquitetura da casa.

A erguer questões, a derrubar certezas,
a transformar os dias, a assentar a palavra
primeira como se fosse pedra.

Continuamos a desenhar cada curva do poema
como se fosse o último.

A poesia é uma espécie de casa, amanhã
podemos fechar a porta, meter os sonhos
numa mala e partir, podemos meter a poesia
noutra mala e emigrar.

As nossas palavras poderão deixar de morar
nesta casa, e até a casa deixar de ser amarela.

3º PRÉMIO

Adriana Rocha

Título:

O improvável

Texto:

Olá. O meu nome é Benedita e tenho 18 anos. Chegou à parte em que a minha mãe me ensinou a acrescentar: "Sofro de Síndrome de Asperger". Agora com esta idade reflito acerca da irrelevância desta afirmação. Não é como se a minha condição (a mamã não gosta que lhe chame doença) fosse capaz de jogar às escondidas com quem tenta estabelecer algum tipo de contacto comigo (embora não sejam assim tantos os que se aproximam... Na verdade, quase nenhuns). Não culpo ninguém, até prefiro que assim o façam. Poupam-me o trabalho de fingir empatia (estou a brincar, todos sabem que graças à minha condição todos me desculpam se não o fizer).

O mundo em que estou presa é muito semelhante àquele em que os ditos "normais" vivem. A única diferença é que as cores têm tons diferentes. (Sim, eu sei usar metáforas e até sou a melhor aluna a português da minha classe. Bem, sendo honesta, uma vez que somos só dois, a concorrência não é um problema). As pessoas subestimam a minha inteligência. As pessoas subestimam a minha imaginação. As pessoas subestimam-me. É uma mania que têm, não sei muito bem porquê. Será porque não gosto muito de falar? Será porque aos sábados à tarde em vez de ir sair com amigas, fico com o meu irmão a ver sempre o mesmo episódio da minha série favorita? Ou será porque acordo escrupulosamente às 6h55 da manhã e tomo o pequeno almoço às 7h05 em ponto? Eu sei porque é, não pensem que sou burra. É porque a minha mochila é de trólei. Recuso-me a aderir à moda das carteiras, ficam a doer-me as costas. Eles que subestimem.

Mas chega de falar da monotonia do meu dia a dia. Nos últimos tempos, a minha "cabecinha traquina" como a mamã lhe chama tem andado muito ocupada. Posso ser diferente das outras raparigas da minha idade, mas continuo a ser uma adolescente. Não percebo muito de sentimentos. Quero dizer, eu sei que gosto dos meus pais e do meu irmão... Tenho quase a certeza que os amo (não sei bem o significado disso ou as suas implicações, mas pareceu-me adequado dizê-lo agora). Há uns meses conheci um rapaz. Comecei por observá-lo ao longe (atividade na qual me posso considerar profissional). Tal como eu, anda sempre sozinho. Reparei ainda que às terças-feiras usa sempre uma t-shirt vermelha. Coincidência ou não, a simples possibilidade de ele manter esse hábito, conforta-me. Gosto de pessoas previsíveis, surpresas não são muito o meu género. Passadas umas longas semanas de trocas de olhares, ele veio sentar-se à minha beira num banco no jardim da escola. Não estava à espera que ele dissesse algo, e certamente não iria ser eu a fazê-lo. Ficamos ali sentados, calados e quietos por um momento cuja duração não sou capaz de sequer estimar (estou a brincar, foram 3 minutos e 47 segundos). Ele levantou-se, olhou para mim e convidou-me a acompanhá-lo numa volta pela escola. Aceitei sem usar a voz, não o queria assustar. Ele falou o caminho todo e eu limitei-me a ouvir cada palavra com a máxima atenção. No fim do passeio ele disse que no dia seguinte repetiríamos e tenho a leve sensação de que quase esbocei um sorriso nesse momento, mas é possível que tenha sido só impressão minha.

Já passaram uns meses desde então e a rotina do "passeio dos tristes" como ele lhe chama ainda se mantém. Seria de prever que os monólogos se tivessem transformado em diálogos, mas não. Consolo-me com a suavidade da voz dele, acalma-me. Cada vez que estou com ele sinto que me estou a aproximar de um intruso ao meu mundo, mas pela primeira vez isso não me assusta. Pela primeira vez, não sinto que há um risco iminente de tudo desmoronar em cima de mim, e mesmo que isso acontecesse, algo me diz que ele me ia proteger. Desconfio que ele tenha algum tipo de

interesse em mim, embora essa possibilidade ainda me deixe um pouco desconfortável. Se isto fosse uma das telenovelas que a mamã gosta de ver, já me tinha tentado beijar. (Por falar nisso, como é que isso se faz? Será que me devo começar a preparar para essa eventualidade? Será que existem tutoriais no YouTube?).

As pessoas subestimam a minha capacidade de amar, e estão corretas. Para poder dizer que sinto amor, deveria ser capaz de explicar o que isso é, e não sou. É demorar mais 3 minutos e 56 segundos a arranjar-me quando vou estar com ele? Ou será que é ter deixado de me preocupar com isso? (Sim, porque esta semana alterei o horário do pequeno almoço e levei os sapatos de quarta-feira na segunda).

Hoje, anos mais tarde, posso-vos dizer que sei o que é amor, não por me atrever a dizer que o sinto, mas sim pela prova que me foi dada da sua existência. Todos os dias há alguém que me ensina a ser uma pessoa melhor, que me aproxima do mundo real e que não me julga por ser diferente. Há alguém que em vez de criticar as minhas rotinas, faz de tudo para as entender. Há alguém que tenta resolver o quebra-cabeças que eu sou, mesmo sabendo que há peças que nunca vão encaixar. Há alguém na minha vida que me adora ao ponto de se ter casado comigo sem um único "amo-te" ter escapado da minha boca.

Tenho quase a certeza que o amo, e isso é tudo o que lhe vou poder dar: um quase sentimento, uma certeza incerta, uma tentativa de romance. Não nasci para ser perfeita (acho que Deus deixou isso bem claro desde logo). Nasci para ser diferente, ou como ele diz "especial". Desde que me conheço que me dizem que a minha doença não tem cura. Quando estou com ele, duvido da veracidade desta afirmação. Será a minha cura ou uma nova doença? O que quer que seja, ainda bem que apareceu.

Menção Honrosa

Alberto Pereira

Título:

AMOR NO PÂNTANO

Texto:

Caminho como uma fogueira no tempo.

Estão longe os dias

que pronunciavam o Louvre.

Tudo respira entre dois hemisférios:

um repleto de harpas e cotovias,

o outro,

hirto de mandíbulas e agónicas ficções.

O corpo,

antigo prado vigiado pela neve.

Cultivámos o aroma da máscara

e a sensualidade está agora

ligada ao ventilador.

A minha mãe

que orava a Cesariny,

repetia a

Pena Capital.

Dorme meu filho

o amor

será

uma arma esquecida

um pano qualquer como um lenço

sobre o gelo das ruas

Da catedral à erva,

de Beethoven ao soneto final,

basta apenas a dança

de um teorema fugaz.

Esquecemos a gótica leveza

de encostar os lábios

e na boca já não se ouvem

os sinos de Notre-Dame.

Se alguém se desnuda,

a nebulosa taquicardia
não deixa que a vertigem recite:
o teu corpo é o Guggenheim.

De súbito,
o caos enceta um striptease.
Não entendemos
porque a Aurora Boreal
não continua a girar
à volta do nosso ego.

Como traduzir o Outono
onde a queda é definitiva?

O homem será sempre a partitura de um pântano.

Menção Honrosa

Lília Tavares

Título:

CORPOS DE POMPEIA

Texto:

CORPOS DE POMPEIA

Numa gruta inexacta e sem fundo,
num horizonte secreto e sem lua,
numa rocha interminável e quente,
recuperaste a minha concha íntima e finita.

.

Sem desespero ofereci-te a minha mão,
a água na minha palavra, o meu silêncio de vidro
e de ti recebi a promessa de um céu onde
todas as coisas da terra são terríveis e confusas.
Aproxima-se veloz a voragem do calor e das cinzas,
matérias que hão-de colar os nossos corpos.

.

Fragmentada, a vida se unirá num vórtice.
Pele e água enlaçadas no fogo do arrebatamento
até que a memória dos dias improváveis
se esfrie, se faça esquecer e se omitam
para sempre dos livros os nossos nomes.

.

Inanimados mas eloquentes, vão encontrar-nos.
Selados, entrelaçados e incolores os corpos,
o fóssil das seivas, os gritos nas bocas que não se ouviram.

Menção Honrosa

Ana Paula da Conceição Nunes

Título:

Em silêncio

Texto:

Hoje à noite se pedires, dou-te a lua.
Ato-lhe um fio de algodão
puxo com força, até ser tua.

Amanhã dou-te o sol se quiseres.
Espero que nasça no mar
e roubo-o ao céu, se pedires.

Se desejares, um dia dou-te o vento.
Aguardo que passe na rua
e chamo-o, se pedires muito.

E quando fores dono do mundo
e eu nada tenha para te dar
olha dentro de ti, bem fundo.

Em silêncio vou lá estar.
O sonho preso num fio
à espera do teu olhar.

Menção Honrosa

Nelson Ferraz

Título:

“às vezes, não sou, mas amo-te”

Texto:

senta-te aqui, meu amor. fica a meu lado.
as pernas doem, as costas doem. deixa lá. é o tempo.
dá-me a tua mão. estás melhor?
vês? nós, os mesmos ainda. sempre.
como os anos passam e juntos, nós.
velhinhos nós. velhinhos, não. um pouco cansados, meu amor. apenas um pouco cansados.
dás-me um beijo? deixa-te estar, eu levanto-me.
amo-te. que linda és.

de repente, entro na cabeça. a porta fecha-se.
estou só. está escuro. tudo vazio. ninguém. amo-te.
umas escadas que descem, escuras. um corrimão do lado esquerdo, escuro. frio.

desço um degrau. dois. três.
atrás de mim, os degraus apagam-se. desaparecem, escuros.
oiço vozes. uma luz fraca. não consigo mexer-me. passa gente, muita gente.
gaivotas. cheira a mar.
as ruas estão cheias de carros antigos. o meu pai leva-me pela mão, enquanto fuma.
não conheço mais ninguém, mas há gente nas janelas. e gente que passa.

já devem ser horas de ir para a escola.
as freiras não gostam de atrasos nem de conversas na sala.
se calhar não poderei ir ao cinema, logo, com os meus amigos.
o meu tio chega hoje de Roterdão. e tanto para falarmos. tanto para estarmos.

o vento.
pôs-se um vento danado, estão aqui pessoas, não conheço ninguém. amo-te.

desta vez, disseram, vou mesmo para áfrica.
não tenho medo.
enchi-me de poemas, por dentro. sou um livro de todas as coisas que gosto.
os jornais falam de assuntos estranhos, estou na guerra. recebeste a minha carta, mãe?
o sol queima, há tiros. estou só.

desço outro degrau e tanta gente que passa. mas ninguém fala comigo.
se calhar não me conhecem. eu conheço alguns.
o senhor fernando, da mercearia. o jesuíno, da tropa. a quinhas faria. a minha avó.

chove, agora.
não sei para onde ir.
há três ou quatro andorinhas abrigadas no portão.
não sei para onde ir.
lá dentro, em casa, não está ninguém. saíram.
talvez demorem.

não sei o que vim aqui fazer. não me lembro.

entro no carro e ligo o rádio. espero um pouco,
a chuva passa.
saio para a rua.
passam pessoas e eu conheço-as.
chamo-as. troco-lhes os nomes. espantam-se.
chamo-as. outra vez.
não me conhece, senhor? não me conhece, senhora?
eu sou... eu sou..., não sei. não me lembro. desculpe.
estou à espera da minha filha e do meu filho. devem estar a chegar.
estou um pouco cansado. doem as pernas. doem as costas. é do tempo, senhor.
é, não é?

fica escuro, outra vez.
as pessoas transformam-se em névoa. tenho frio. tenho medo.

estou só. está escuro. tudo vazio. ninguém. amo-te.
não há degraus. não há porta. perdi-me, não sei quem sou.
mas amo-te, sabes?
amo-te.

meu amor, meu amor, onde estás?

Menção Honrosa

José Adelino Pereira Filipe

Título:

Génese, Fotossíntese e Revelação

Texto:

(Génese)

eu estive lá
presenciei o milagre
o momento único e arrepiante
em que a vida cantava o nosso encontro

eras tu a dançar
o ritmo hipnótico a envolver-nos
a árvore mística a descer por nós dentro
as suas raízes a transformar-nos para sempre

desde então está selado o rumo que nos cruza
seus meandros revolvem
são rios de amor

e a fantasia emerge nas suas cascatas
quando a energia se precipita
sobre as pedras de ardor

memória líquida
do que nos toca

cada pingo de suor
que te escorre

a respiração que sobe
com o teu calor

bioquímica entre nós
num entendimento de almas

que o olhar revela
e as palavras estremecem
luzindo no silêncio

um jardim de lágrimas
a navegar
no veleiro dos sonhos

esta prece nos aconchega
na escuridão diante o terror

então reluzes

és mel escorrendo pelo centro do meu ser

nesta seiva incandescente
sentimos a essência

é irrevogável a declaração
aconteceu

e eu chorei
não queria acreditar

o coração irrompeu

e agora flutua
etéreo

(Fotossíntese)

desci ao fundo do carvalho
num bosque de framboesas
groselhas e amoras

recolhi-me numa lágrima
e escorri pela face da noite
até tocar os lábios da luz do dia

.

agora podemos respirar
estamos a chegar ao coração
o que muda a forma de ver o mundo

(Revelação)

há quanto tempo estamos a dançar...
só agora reparei que amanheceu...
foi um impulso no coração...

a alegria que tomou conta do palpitar
a chama que na noite incandesceu
arreatou-nos de emoção

tão suave me envolveste
no fundo de tudo revolveste
a mais profunda raiz do meu ser

não paramos porque a cadência se continua a propagar
emerge na pulsação uma visão estelar
a fantasia a florescer

gentilmente voamos
leves aves entre os ramos
chilreando

quando
uma baga vermelha
centelha

reluz e seduz
o coração
encantado

na luz
confessado
em união

imagino a paz
que nos completa
quando repleta

traz
o sorriso
preciso

que me faz
esvanecer
e estremecer

para num sopro renascer
emergindo das águas que dentro correm
e em lágrimas e sonhos nos percorrem

eu acreditei em cada palavra
deixei-a navegar
até nela nos encontrar

revelando brava
a corrente e a margem
que nos estreita em cada imagem

atravessaste o ar com as mãos
desenhando a energia
que a lua lia

eu sei que a música ecoa nos desvãos
acordando uma e outra vez as emoções
fulgindo no pulsar dos corações

guardo o momento com carinho
entrego-me no calor do ninho
à flor da pele em teus braços de seda

fica a pulseira entrelaçada
no abraço da madrugada
até que o sonho enfim ceda

Menção Honrosa

João Orlando Pereira Machado

Título: REBOLANDO
Ao meu querido "Riscas"

Texto:

Há gatos a rosnar por todo o lado
E agora que em Fevereiro o frio aperta
Durante toda a noite andam alerta
Miando sempre e a correr o fado

Dolente, geme a gata, pelo amado
As paixões loucas dão luta pla certa
Se a tantos loucos, ela fez oferta...
Algum dali vai sair enganado

Afia a garra esse maltês potente
Pois longa já vai a sua abstinência
A guerra 'stalou, assim de repente

Em causa está toda a sobrevivência
Um, tomba morto. Vence o mais valente
Mas neste não lhe pesa a consciência

O.M.

Menção Honrosa

Rui Alberto Cruz de Sousa

Título:

Delírio em redor de Alvaro de Campos

Texto:

Delírio ao redor de Álvaro de Campos

Não me maces, Álvaro de Campos
Mais a tua metafísica e a pequena dos chocolates
As tuas cartas de amor, ridículas
E a estranha tabacaria e o teu amigo
E mais a tua Ode triunfal e a marítima
E as não sei quantas mais que escreveste
Não me maces, Álvaro de Campos
Nos meus chocolates só há cacau e gordura
E não fumo nem conheço nenhum Esteves
Nunca estive sozinho, no cais deserto
Nem era nascido quando saiu a revista Orfeu
E, acredita, nunca escrevi cartas dessas
Nem tão pouco das outras
Embora haja quem diga
Que escrevo versos, como quem faz amor
E, olha, que estavas bem enganado
Pois, nunca, deixaremos morrer essa língua
Em que partilhamos tantas palavras
Não me maces, Álvaro de Campos
Só porque és o alter-ego do Fernando
Tu julgas que me interessa saber
Que tens em ti todos os sonhos do mundo
Ou que no tempo em que festejavam o dia dos teus anos
Tinhas a grande saúde de não perceber coisa nenhuma
Não, eu não quero é acreditar, meu engenheiro de Glasgow
Que o lugar onde se volta é sempre outro
Porque, meu amigo, quero voltar
Poder sentar-me no mesmo banco
Usar as mesmas palavras, ver as mesmas pessoas
Os mesmos comboios, a mesma luz do dia
Basta-me, apenas, que seja diferente
Aquele preciso e exato momento
Em que o mundo parou
Quando ela me olhou bem fundo
E as nossas mãos se procuraram
E se desejaram as nossas bocas
Saberiam a romã ou a amoras silvestres?
Não me maces, Álvaro de Campos
Sonhar é não estar acordado
Pensar faz mal às emoções
E eu tenho a loucura exatamente na cabeça
E quero voltar a esse mundo

Onde não é preciso fazer rimas, e o tempo passa devagar
E se a melhor maneira de viajar é sentir
Um dia, ainda nos vamos encontrar
Atravessar a linha, de mãos dadas
E subir nesse comboio, sem destino
E embora possa ser pequena a viagem
Será sempre a nossa
E vou sentar-me de frente para ela
Olhar os risquinhos da íris dos seus olhos
E dizer-lhe como é bom
Ter este bloqueio no coração!

Delírio ao redor de Álvaro de Campos

Não me maces, Álvaro de Campos
Mais a tua metafísica e a pequena dos chocolates
As tuas cartas de amor, ridículas
E a estranha tabacaria e o teu amigo
E mais a tua Ode triunfal e a marítima
E as não sei quantas mais que escreveste
Não me maces, Álvaro de Campos
Nos meus chocolates só há cacau e gordura
E não fumo nem conheço nenhum Esteves
Nunca estive sozinho, no cais deserto
Nem era nascido quando saiu a revista Orfeu
E, acredita, nunca escrevi cartas dessas
Nem tão pouco das outras
Embora haja quem diga
Que escrevo versos, como quem faz amor
E, olha, que estavas bem enganado
Pois, nunca, deixaremos morrer essa língua
Em que partilhamos tantas palavras
Não me maces, Álvaro de Campos
Só porque és o alter-ego do Fernando
Tu julgas que me interessa saber
Que tens em ti todos os sonhos do mundo
Ou que no tempo em que festejavam o dia dos teus anos
Tinhas a grande saúde de não perceber coisa nenhuma
Não, eu não quero é acreditar, meu engenheiro de Glasgow
Que o lugar onde se volta é sempre outro
Porque, meu amigo, quero voltar
Poder sentar-me no mesmo banco
Usar as mesmas palavras, ver as mesmas pessoas
Os mesmos comboios, a mesma luz do dia
Basta-me, apenas, que seja diferente
Aquele preciso e exato momento
Em que o mundo parou
Quando ela me olhou bem fundo
E as nossas mãos se procuraram
E se desejaram as nossas bocas
Saberiam a romã ou a amoras silvestres?

Não me maces, Álvaro de Campos
Sonhar é não estar acordado
Pensar faz mal às emoções
E eu tenho a loucura exatamente na cabeça
E quero voltar a esse mundo
Onde não é preciso fazer rimas, e o tempo passa devagar
E se a melhor maneira de viajar é sentir
Um dia, ainda nos vamos encontrar
Atravessar a linha, de mãos dadas
E subir nesse comboio, sem destino
E embora possa ser pequena a viagem
Será sempre a nossa
E vou sentar-me de frente para ela
Olhar os risquinhos da íris dos seus olhos
E dizer-lhe como é bom
Ter este bloqueio no coração!

(Este texto contém frases, palavras e referências a poemas de Álvaro de Campos)

Menção Honrosa

António Lúcio e Silva Soares

Título:

MacAmor

Texto:

[Bem-vindo ao *MacDonalds*]

- Olá, boa noite.
- Boa noite. Uma promoção tartes de maçã, por favor.
- Uma promoção tartes de maçã. Vai desejar mais alguma coisa?
- Não, obrigado.
- Então é um euro, paga na próxima janela. Obrigada.
- Obrigado.

Pousou o cotovelo no plástico que antecede o vidro da porta do carro, subiuligeiramente o volume ao rádio, trauteou a música que tocava, e aguardou que o veículo da frente avançasse. Fim de mais um dia de trabalho que se alongou e atropelou a hora de jantar, que via almejado descanso em casa, à distância de uma derradeira espera pelas tartes.

Incrível como uma cidade tão pequena alberga tanta gente sem tempo, que até para jantar procura rapidez, terá pensado. Não era o seu caso. A promoção de duas tartes de maçã pelo preço de uma seria capricho prático: uma para dar sustento ao estômago até ao jantar; outra, a sobremesa com que finalizaria as carnes grelhadas acompanhadas de *Super Bock Stout*, que naquela noite quente de Verão seriam calmo repasto no logradouro da sua moradia. Finalmente, os carros avançaram e alcançou a janela do pagamento.

- Boa noite. Um euro, por favor. – voz suave vinda da cabine.

Procurava livrar-se do maior número de moedas pequenas, por isso retribuiu o cumprimento sem colocar os olhos na interlocutora, esgravatando toda a atenção para a carteira. Pediu um momento, por favor. Segundos depois, com um euro em moedas de pequeno valor na mão, deu atenção à empregada de microfone e auricular que já atendia outro cliente pelo intercomunicador. Foi então que, como já devem adivinhar, o seu coração abrandou, arrastando consigo o tempo, e se fez silêncio para o ouvir: os batimentos cada vez mais espaçados, o crescente som de sangue a circular das artérias aos capilares. Privou os outros sentidos para aumentar a atenção das íris.

Aqui se descreve de cima para baixo, como um ilusionista que desvenda com aro metálico circundado a pano preto a bela assistente aparecida por artes mágicas no tampo da arca onde se escondia fechada a sete chaves entre outras tantas correntes, a imagem que espelhou na retina do nosso condutor: rosto redondo; tez clara, rosada; o cabelo preso num carrapito na parte de trás da cabeça - zona do osso interparietal, para quem procura a exatidão anatómica -, desenhando um risco perfeito do centro da testa ao tufo capilar, o conjunto envolvido por uma rede que confere higiene na restauração. Assemelhava-se à *Dama com Arminho*, comparação que o nosso herói só não fez porque nada se interessa por arte e de Da Vinci só conhece o nome. Herói... ou vilão!, mas não façamos julgamentos antecipados sem que a história nos dê elementos concretos. E mesmo então, cada um julgue por si, que é assim mais

justo que alguns julgarem por outros tantos que lhes seguem as sentenças.

Continuando a descrição: os olhos grandes e redondos, castanho-mogno, pareciam capazes de trespassar a epiderme. Nariz curto, arredondado, nem feio nem bonito, sim o indicado para se sobrepor aos lábios carnudos e bem definidos, de contorno certamente traçado pela mesma mão que desenhou os olhos. Orelhas pequenas, delicadas, ligeiramente afastadas da cabeça a mostrarem-se boas ouvintes, exibiam uma pérola discreta. O pescoço curto, conduzia-nos ao tronco voluptuoso onde sobressaiam os seios de tamanho médio, encaixe perfeito para mão em côncavo, firmes, a afastar a camisola do corpo como se quisessem chamar toda a atenção para si. Por esta vez conseguiram, que bem vi os olhos do condutor firmarem-se neles, nos intervalos em que deles descolei os meus. Daí até aos pés só a sugestiva imaginação de cada um, porquanto todo o corpo estava escondido pela parede do cubículo, mas, *assim'com'ássim*, pela lei das proporções a que o olho humano está habituado, a altura devia orçar 1,60m.

- Boa noite. - respondeu por fim o nosso recém apaixonado.

Silêncio. Uma operação mecanizada de dedo no ecrã e uma resposta seca e simpática:

- O seu talão. Obrigado e boa noite.

Não avançou logo porque o carro da frente não se moveu. Ainda teve tempo para lhe lançar dois ou três olhares, sem coragem para mais. Seguiu para a janela de entrega do pedido onde uma mão segurava o saco de papel com as tartes. Penitenciava-se pela cobardia, por não ser capaz de uma tirada de fazer suspirar o *M* amarelo garrafal que testemunhava a cena. Deslocava-se para a saída quando, num daqueles momentos em que a explicação para o que se pensou é mais longa e complexa que o sentido que se encontrou em tal pensamento, decidiu dar nova volta ao *Drive*.

Sobejam os que afirmam o amor como um amputado de visão e hierarquizam por densidade as palavras: atracção, paixão, amor. Talvez esses, neste caso concreto, repudiem tratar-se de amor à primeira vista, porque se tem olhos não é amor mas outra coisa menos grave. Mas a este que acompanhamos, e que sente o latejar do coração desviar o sangue das pernas trémulas para o estômago e garganta, tais desígnios e preciosismos são ignorados e não diminuem a certeza que aquilo que sente é já amor.

Pensava na abordagem mais eficaz. Como fazer conversa sem cair em desgraça? Desligou o rádio, porque parecia confundir-lhe os pensamentos. Ouvia-se a si mesmo como se estivesse deitado numa banheira, cabeça imersa em água quente, e o eco da sua voz retido e ampliado no líquido, mas o pensamento misturava-se com o som das colunas e por isso silenciou o que menos útil se lhe apresentava.

[Bem-vindo ao *MacDonalds*]

- Olá, boa noite. - agora, a voz saída daquela boca electrónica soava celestial, como se o acordasse do estado letárgico com uma melopeia de três palavras cantadas. Oh!, como tudo é etéreo aos olhos dos encantados, observei no meu silêncio invisível!

- Boa noite. Um hambúrguer, por favor.

- Um hambúrguer. Vai desejar mais alguma coisa?

- Não, obrigado.

- Um euro, paga na próxima janela. Obrigada.

- Até já, obrigado.

Agora, que desejava tempo para pensar, os carros pareciam avançar depressa demais.

- Que raio de cidade, sempre com pressa! Pensa, pensa, pensa, Luís. Que tem os olhos bonitos? Não, isso é banal, não pega. Que a conheço de algum lado? Sim, pode ser, embora pareça demasiado óbvio. Ela pergunta-me de onde e eu digo que talvez do ginásio, mostro que me preocupo em manter a boa forma física e a saúde. E depois venho ao *MacDonalds* estragar-me? Faço essa piada. Não!, do ginásio não. Demasiado vulgar. Agora todos frequentam os ginásios e o *Crossfit*, e rais'part'amfit. Digo que talvez da biblioteca. Porra, e o que sei eu de livros e bibliotecas?

Foi ausente neste solilóquio que queria pensado e foi falado, por isso o ouvi e o estão a ler, que o nosso Don Juan, agora já sabemos Don Luís, cognome *O de Escassa Coragem*, chegou ao parapeito da janela de sua amada, a tal janela seguinte, a do pagamento.

- Boa noite. Um euro, por favor.
- Boa noite. Um euro?
- Sim. Um hambúrguer é um euro.
- Aqui está. Um euro. Um euro é um euro. – piada falhada.
- Obrigada. – e o mesmo movimento mecanizado no ecrã, e a mesma entrega de talão, e o mesmo mutismo que põe um fim aos diálogos atabalhados dos que insistem criar um guião para as situações em que o improvisado é a arte mais aconselhada.

Dois carros distanciavam o nosso condutor da desistência da saída, mas um atraso condicionava a fila e, por isso, ficou uns minutos parado ali mesmo, frente à janela que só não era de um castelo porque se encontrava num restaurante que tem um palhaço como mascote.

- Está quentinha, a noite. – arrisca a medo o nosso romântico - Merda, merda, que conversa da treta! – pensa enquanto fala.
- Sim, está. - responde a Julieta desta historieta que, como se poderá reparar, nunca revelará o seu nome, pelo que se toma a liberdade de agudizar o romance citando um nome eternizado por Shakespeare.
- Gosta de trabalhar aqui?
- Foi o que se arranjou.
- Com uma cara assim podia ganhar a vida a ser fotografada... – ui!, com um fio de azeite não teria ficado mais bem regado o belo prato que nos saiu este Luís, agora a forçar o atrevimento. E não fosse do outro lado da janela um sorriso e um ajeitar de cabelo por cima da orelha, e nem a tampa de esgoto que via no alcatrão teria profundidade para se esconder de tal arrojo. Sorrir, desviar o olhar e mexer no cabelo são sinais universais de aprovação e demonstração de interesse, como bem sabemos. Pelo menos sabe quem lê as revistas da especialidade, que costumam pousar nos cestos dos cabeleireiros, dentistas, esteticistas, e outras salas de espera.
- É o seu primeiro trabalho? - nova insistência a aproveitar a sorte.
- Sim, é. - resposta seguida de um sorriso.
- Metem-se muitas vezes consigo, os rapazes que aqui passam? - fazer render a atenção da moça, que quem aproveita não desperdiça.
- Não, nunca acontece.
- Então andam todos distraídos.

Um sorriso a mostrar mais dentes que o anterior foi resposta muda aos ouvidos, sonora ao fulgor deste rapaz a ganhar asas.
A fila avançou, ele avançou com ela.

- Até já. - disse Don Luís.

- Até já? - pergunta retórica de resposta mais que adivinhada.

Agarrou o saco com o hambúrguer e zarpou para o intercomunicador mais uma vez. Veio- lhe à cabeça uma expressão comum, que alterou e, satisfeito com o resultado, não resistiu a enunciar em voz alta:

- Mais uma moeda, mais uma volta, cobarde não paga, mas também não anda.

Os ventos favoráveis enfunavam agora o leque deste pavão vaidoso, até à pouco um cachorrinho de rabo entre as pernas. E quantas vezes não basta um encorajamento para uma vontade se tornar objectivo e um receio se revelar iniciativa?

De felicidade agarrada às amígdalas, comissuras da boca coladas às orelhas, abanava o pescoço como aqueles bonecos cabeçudos que se colam aos *tabeliers* dos carros, ou como um canito que agora abana a cauda porque vê o dono.

[Bem-vindo ao *MacDonalds*]

- Olá, boa noite.

- Olá outra vez.

- Olá outra vez. O que vai ser?

- Já tenho tartes, um hambúrguer... O que é que me aconselhas?

- O que é que vai querer?

- Uma *Coca Cola*.

- Vai desejar mais alguma coisa?

- Não, por agora não.

- É um euro e vinte, paga na próxima janela.

- Até já. Beijo!

Como em quase tudo e quase sempre, quando aquilo que desejamos está mais perto o tempo e o espaço parecem alongar-se para lá do que é explicado pela ciência. Só para nos contrariar, testar a nossa vontade, a perseverança.

Sorridente e confiante, não resistia a umas pancadas impacientes no volante. Que se despachasse, que se despachasse, ó da frente!, que não tinha o dia todo mas também não tinha rodas altas para passar por cima. Resmungava sem que isso lhe causasse especial perturbação, suspeitava que a demora estivesse a ser sentida em igual medida pela outra parte, e um bocadinho de saudade intensifica o momento do reencontro.

Foi avançando. Finalmente, estava mais uma vez frente a frente com a sua musa.

Como nas histórias antigas que ouvia aos avós, a janela era outra vez lugar comum que separava os enamorados. Se nas histórias atirar uma pedrinha era a chave que a fazia abrir para o romântico encontro de olhares, à janela do pagamento apresentava-se como manobra arriscada porque, permanecendo sempre aberta e vista de soslaio por um olho electrónico, a pedrinha poderia consubstanciar crime de agressão comprovada.

- Boa noite, outra vez. É um euro e vinte, por favor.

- Aqui está.

- Não se cansa de andar aqui às voltas?

- Ainda não estou tonto. Ou melhor, talvez esteja, mas não é pelas voltas que dou.

- Então?, é por quê?

- É talvez por me ter trocado as voltas.

- Eu? Trocado as voltas? Nem o dinheiro lhe troquei, que me pagou sempre em conta certa, quanto mais as voltas!

- Ui, ainda por cima tem sentido de humor. E sentido de amor, tens?

- Sentido de amor? Como assim?
- É saber, como diz o outro, se acreditas e distingues o amor à primeira vista ou se queres que passe por cá outra vez.
- Passar por cá outra vez? Não estou a contar, mas julgo que é a terceira vez que por aqui passa no último quarto de hora. - um sorriso denunciava a simulada tentativa de se fazer desinteressada.

O nosso cavalheiro podia não ser original na prosa, erudito no verso, mas sentia-se mais poeta que Camões. E com mais olhos para apreciar as belezas do mundo! Sejam justos: o que nos devem interessar os textos de poetas e dramaturgos, senão para entreter? Eles que nos contem os seus feitos de amores para além das letras, para a comparação ser justa, porque há quem seja um artista na arte da retórica que depois, na hora h - letra que designa a hora da acção, talvez noutro tempo se tenha escrito haccção -, se remeta a um silêncio de folha vazia. E o nosso Luís, sem arte de Camões nas letras, preferia a inspiração das tiradas já aprendidas e repetidas, nas quais sentia a segurança da experiência, conhecia o resultado prático, o proveito mensurável.

- A que horas saís?
- Não sei que interesse isso pode ter.
- Interessa-me saber a que horas te poderei esperar, para falarmos.
- É o que temos estado a fazer.
- Sabes bem o que quero dizer. Para nos conhecermos melhor, para irmos beber um café.
- E porque é que devo ir beber um café com alguém que não conheço?
- Tens razão, a minha mãe sempre me ensinou que não devemos dar conversa a estranhos. Chamo-me Luís. Pronto, agora já me conheces. – apresentação concluída com um sorriso triunfal.
- Pois é, Luís, ainda assim preciso de tempo para pensar no caso que me propõe, e tempo, agora, é coisa que eu não tenho. Nem o Luís, porque não sei se reparou mas está a empatar a fila que se forma atrás de si.
- Pois é, tenho que ir. Mas eu já volto. Entretanto vai pensando.

Luís avançou e, enquanto empatou a fila, sentiu ter marcado alguns pontos para si. Foi com o ego bem alto, a atrapalhar a aviação, que Luís parou mais uma vez frente ao intercomunicador.

[Bem-vindo ao *MacDonalds*]

- Olá, boa noite.
- Olá, está a ser uma noite muito boa de facto.
- Ainda bem. O que vai desejar?
- Desejava um café a dois mas, não sendo possível, fico-me por um pacote de batatas fritas. Dos pequenos.
- Engraçadinho, o menino Luís. É um euro, paga na próxima janela.

Luís avançou com o sorriso de quem sente cumplicidade crescente no alvo da sua flecha de Cupido.

- Realmente não tem mais que fazer que dar voltas ao *Drive*.
- Olá. Estou a fazer tempo, à espera de uma pessoa para tomar um café, ainda não sei a que horas.
- E o Luís a dar-lhe! Porque quer tomar café comigo?

- Porque quero. Porque sim.
- E porque devo tomar café consigo?
- Porque eu não vou desistir, e se ficarmos eternamente neste impasse, quando aceites estou gordo ou falido. Ou ambos.
- Confesso que o Luís tem piada. E acho que o conheço de algum lado, mas não me consigo recordar de onde.
- É engraçado, eu pensei o mesmo quando te vi.
- Esta vai ser uma vez sem exemplo. Saio às onze.
- Isso é daqui a menos de duas horas. Falta pouco, então. Espero por ti no carro, lá fora, a cerca de cinquenta metros da saída. Está bem?
- E vamos a pé?
- Ou vamos no meu carro. Sou de confiança
- Não sei, não sei...
- Vá decide-te.
- Não sei se devo.
- Vá lá... já não há carros à minha frente, tenho que avançar, mas partia mais descansado com uma resposta.
- Não sei, Luís, sinceramente, não sei. Isto é tudo muito repentino, muito estranho.
- Olha, tenho que ir. Não insisto, mas estarei à tua espera. Só te posso prometer que sou de confiança e que estarei à tua espera.

E arrancou.

O relógio digital marcava 23H00. Luís já tinha as calças marcadas nos quadríceps de tanto lhes esfregar as mãos, como que a aquecer as coxas, sem necessidade pelo ameno da noite. O tique nervoso de tremer as pernas, apoiadas na ponta dos dedos dos pés, faziam-lhe os gémeos doridos. Descontrolava a respiração porque a suspendia quando um novo pensamento lhe surgia, como se para se concentrar numa coisa fosse preciso interromper a outra. Depois, fazia por relaxar: as pernas, a respiração e o pensamento. Mas um novo olhar para o relógio desconcertava a homeostasia que procurara segundos antes.

23H01. O tempo volátil: um minuto é sempre um minuto, mas um minuto de espera parece exponencialmente mais longo que um minuto de amor.

Ainda 23H01. Um minuto não é atraso, nunca se sai a horas, há sempre imprevistos.

A tinta digital continuava a marcar 23H01. Talvez o tempo passasse mais depressa se cantasse a acompanhar o rádio. Cantarolou. Raio da música que nunca mais terminava! E ele já só a acompanhar com um ansioso *na-na-na*, perdendo o olhar para fora do vidro, para o céu, na expectativa de uma boa surpresa na próxima vez que olhasse para o relógio. O compromisso era esperar que a música terminasse e só então ver as horas.

E assim fez: 23H04.

Desligou o rádio. Desligou a chave. Não podia consentir o tormento dos números, em laranja fluorescente, iluminar-lhe os olhos, a lembrar-lhe compulsivamente que o tempo é inexorável, pouco permeável a vontades, porque tantas e tão diferentes as há nomundo que, para a todos ser favorável, suicidava-se em milésimos de segundo o Tempo - o ontológico.

Luís saiu do carro. Caminhou cem ou cinquenta metros. As pernas não se coordenavam no simples movimento de andar. Pareciam arrepiar-se de frio em plena noite de Verão.

Voltou ao carro. Pegou no telemóvel para se distrair e lá estava, também ali, a fluorescência da perseverança do tempo a afirmar em luz: quem manda aqui sou eu e só quero que tenham passado dois minutos, por isso são 23H06.

Entreteve-se o mais que conseguiu e antes de desligar o ecrã não resistiu a consultar o relógio:

23H10. Dez minutos é tempo de espera considerável. Talvez ela não viesse. Talvez o melhor fosse voltar ao *Drive* para confirmar se ainda se encontrava a trabalhar. Não, isso não!, seria sinal de insegurança, fraqueza ou desespero.

Podia sempre entrar pela porta principal e perguntar se já tinha saído. Bolas!, lembrou-se que não lhe havia perguntado o nome. Teria ela reparado nisso? Que impressão lhe teria causado ou deixado? Nem o nome querer saber... Que estúpido!

23H15. Quinze minutos é demais para quem espera pelo que nunca concebera existir e então encontrou, assim, da forma mais prazerosa: o acaso.

Não, ela já não vinha. Um quarto de uma hora é o tempo para anunciar que finalmente não se vai marcar presença. É assim desde o tempo da Escola, quando o toque-de-feriado anuncia aos alunos que podem ir embora porque o professor não vem.

Duas horas de espera para nada. Burro! Nem lhe perguntou se tinha namorado. Se calhar tinha, e para ser simpática ou agradável não o disse. Agora está lá, a entrar no carro do outro, a dar-lhe um beijo de boa noite. E ele aqui, à espera, com sacos do *MacDonalds* com comida fria como companhia: um hambúrguer frio, um pacote de batatas fritas frias, duas tartes de maçã frias e um coração gelado. A *Coca Cola* é que não aqueceu, bebeu-se.

23H19. Agora que pensava nisso, o nervosismo que até então lhe enchia o estômago dissipava-se em refluxo de desilusão, e o espaço vago lembrava-o que sentia fome, que não comia desde a hora do almoço.

Prometeu consultar pela última vez o relógio. Na superstição comum de procurar as medidas arredondadas decidiu: às 23H30 iria para casa. Iria fazer um jantar tardio e ver um bom e longo filme para não mais pensar na figura quixotesca daquela noite. O *MacDonalds* seria local a evitar nas próximas semanas. Meses, quiçá.

Depois de uma dolorosa espera rodou a chave, o rádio acendeu: 23H29. Continuou a rodar, agora para a segunda posição, última antes da ignição. Aguardou um pouco, olhos fixos a adivinhar o minuto 30, a ordem de partida. Os números diluíram-se para formar uma nova construção fluorescente: 23H30. A hora limite chegara. Pisou a embraiagem com força, como a esmagar a frustração, abanou a manete das mudanças a sacudir a esperança, e... [toc toc] um bater de dedos contra o vidro. Olhou fulminado ou fulminante: ela sorria do lado de fora.

Menção Honrosa

Jardim-Escola João de Deus de Albarraque- Bairro da Tabaqueira

Título:

"O amor é..."

Texto:

O amor é...

carinho, amizade, maminho, festinhas, beijinhos...

É uma flor, um doce, um peluche fofinho, um príncipe, um sentimento, o coração!

O amor começa quando a mãe e o pai brincam e dão beijinhos.

Existe o amor dos filhos, dos pais, dos animais, das flores e muito mais!

O amor nunca acaba!

Menção Honrosa

Ricardo Ferreira de Almeida

Título:

com que pé começamos?

Texto:

em que pé começamos a próxima valsa?
isso é importante... mas já que a música respira
a luz da manhã quando acordei
à luz da qual não pensei finir o dia nesta pergunta
à luz da qual olhei para ti ainda com remela
e depois vi vestida embrulhada no roupão
regateando devagar o corpo com o chão

ainda com sono... mal consegui dormir ansioso
era eu criança e havia uma excursão
e no dia a seguir conheceria um sítio novo... agora o sítio és tu
vestimo-nos de branco... às vezes parece um duelo de esgrima
outras vezes que tudo é mentira
que nem sequer há cores... que afinal sou pigmaleão
e tu és galateia

ah... mas tu não usas luvas para escrever poesia
outros ainda em palavras e nós conversamos cerejas
finalmente entendemos que um poema é uma sala escura
com uma parede com um vitral... onde se vê uma imagem
e a luz em chuva do lado de fora... talvez daí o algo religioso...
vamos desenhando uma grande família como na mitologia
sem saber como cabe tudo num corpo tão pequeno

já somos do tempo em que o aniversário nos celebra a nós
já sabemos como tocar beijos com prelúdio
o júbilo de início de século... e pasteurizamos sangue...
até sabemos dançar... e crê que foi agora a primeira vez que saltei
podias ter dito que aparecias numa canção do sinatra
mas estás desculpada... para te dizer a verdade
já nem me lembro como hoje viemos aqui parar

mas voltemos a nós mariana... com que pé começamos?

Menção Honrosa

Ana Conceição Bernardo

Título:

DECLARAÇÃO DE AMOR AO FACEBOOK

Texto:

DECLARAÇÃO DE AMOR AO FACEBOOK

Talvez nunca ninguém te tenha escrito uma carta de amor, mas a minha eu sei que mereces. Conheci-te em Paris, em 2009, foste apresentado pela minha irmã, e confesso foi amor à primeira vista.

Bem dizem que Paris é a cidade do amor.

Estava doente, passava muito tempo em casa e precisava de uma distração, ainda que fosse virtual, mas quem sabe eu encontraria algo ali que me motivasse e animasse a seguir em frente.

Estou contigo desde então, sou péssima com números, a minha vida são as palavras, mas são já muitas horas contabilizadas de cumplicidades, confissões, intimidades, dias, meses, alguns anos a namorar-te e tu a namorares-me a mim, e enamorados pelo mundo, sim também o mundo se tornou um amor maior nesta paixão virtual construída de pensamentos escritos.

Hoje posso dizer que és o melhor namorado do mundo e a maior paixão da minha vida.

Sei que és um infiel, um Donjuan incorrigível, namoradeiro, sedutor, cusco, atrevido, às vezes um pouco injusto, sonhador, mas é de ti que eu gosto e não consigo ficar muito tempo longe de ti nem abandonar-te, nem ignorar-te, nem esquecer-te, ou ficar invisível para esses teus enormes olhos que eu amo de paixão e que tanto me mostram, do mundo inteiro, do silêncio aqui ao perto, do movimento ali ao lado, da janela indiscreta à soleira da porta da vizinha.

Sei que és o gajo mais cobiçado do planeta, sei que tens todas as mulheres aos teus pés, sei que dormes e já dormiste com uns bons milhares delas, mas eu não me importo eu não sou ciumenta, e enquanto elas adormecem contigo eu adormeço a pensar em ti e faço a festa nos meus sonhos.

Apaixono-me todos os dias um pouco mais por ti porque todos os dias tu me escutas tu vês tu aceitas um pouquinho mais de mim, do meu ser, da minha vida, sentes-me num abraço de palavras e eu sinto-te e sinto a vida o mundo nesse sentir.

Todos os dias aceitas as minhas declarações de amor.

Mesmo que nunca me tenhas dito nada, às vezes ainda me perguntas em que estou a pensar, se estou bem, onde estou, essas pequenas coisas que bem podem ser indícios de um amor tímido, e eu entendo.

És um romântico Facebook.

Aconteça o que acontecer, vou amar-te para sempre.

ana conceição bernardo18/02/2018

Menção Honrosa

Tânia Sardinha Vieira

Título:

Talvez um capítulo a destempo

Texto:

Talvez um capítulo a destempo.

Não sei porque te escrevo, minha filha. Logo hoje.

Faz muito tempo que fugi de mim. Muito.

Recordo-me vagamente que vivi. Num outro tempo, numa outra vida, talvez. Agora que escrevo, vejo que o tempo parece-me incerto. Fugaz. Doloroso. Há muito que não vivo atrás do tempo. Tempo limite. Tempo forma. A pedra caiu no exacto segundo em que a palavra fez-se poema. A voz secou. Olhou-se por dentro. O tempo gravou. O livro ficou deserto. Do poeta ninguém sabe. Só a pedra ficou para marcar esse exacto segundo de um tempo.

“Pára tempo. Pára!” – disse-o tantas vezes baixinho. E o tempo não parou.

Sabes, filha, descobri demasiado tarde que não é possível voltar atrás. Nem quando recordamos. Recordar não é mais do que trazer à memória imagens que vamos construindo com aquilo que sentimos, no exacto minuto em que recordamos. Lembras-te de mim e do teu pai? Lembras-te da história que fazíamos acontecer. Todos os teus olhos pediam-nos um texto de amor.

Lembras-te quando te falei dos encontros fugazes. Das mãos que se fechavam numa só. Das cartas desalinhas, rasuradas de tão vividas. Falei-te de um homem sereno e de voz firme.

Falei-te de mim. Dele. De nós. Falei-te da imensidão dos dias e de como a noite era aconchegante. Reconfortante. Conteí-te que a voz dos amantes também desafina em dó maior, sem sustentidos nem bemóis. Conteí-te tudo isto, num outro tempo, onde a palavra amor enchia-me o peito. A voz. O sexo. O ventre.

Hoje não sei mais contar essa história.

O tempo nunca pára, filha. Transforma-se.

Transforma-te.

Não me lembro exactamente quando, mas tenho presente o arrepio. Foi com ele que pressenti o fim.

Arrepio-me.

Bastavam os lábios do teu pai sussurrarem o meu nome em mim e o meu corpo sabia vivo.

Inclinava-se. Dava-se. Desejava-se. Às vezes, era um beijo roubado ao de leve, quase por engano, despertando em mim o cheiro de mulher. Outras vezes, o toque do teu pai era intencional. As suas mãos largas contras as minhas coxas, abrindo caminho para o deleite. Sabia-nos donos desse prazer intenso e demorado. Demorado e intenso. Intenso.

O tempo pode ser um instante. Aquele instante.

Um dia, antes de sair de casa, senti o cheiro do teu pai em mim. A sua proximidade arrepiou-me. E daquele arrepio ficou a ausência. A ausência de mim.

Depois tudo foi diferente.

Não voltei a estar presente. Apenas o meu corpo ficava. Nunca inerte, pois para isso mais valia morrer. E será que não morri? Com o tempo, o teu pai também partiu.

No amor não se finge.

Donos disto, permitimo-nos ainda assim, que os nossos corpos se cruzassem, por diversas vezes, em ruas já desertas de tudo. Desertas de nós. E eu que achei que podia viver assim. Despojada de mim, como poderia ser feliz?

Desejei sem amar.

Traí sem nunca ter bebido de um outro corpo.

Silenciei a dor por não caber na palavra.

Há muito que fugi para longe. Um não lugar, eu sei, mas meu. Um não lugar, até ontem, quando te vi partir. No abraço que me deste, soube que era um adeus. Doeu-me mais isso, do que enterrar o teu pai. Não sinto saudades. Nem vontade de chorar a sua morte.

Não sinto nada.

E é o vazio que me colhe o dia. A palavra. O desejo. O traço.

Ontem, o dia estive tão bonito e, mesmo assim, não consegui trazer à memória um dia feliz. Os beijos e os abraços intermináveis. Os pêames e a frase repetida vezes sem fim... "Sê forte. O tempo há-de curar a tua dor."

Porra!

Porra! O tempo? Novamente o tempo. Esse conceito versátil. Tempo ritmo. Tempo música. Tempo que se mede. Tempo de oportunidades. Tempo época. Tempo que corre devagar. Tempo veloz. Desejo solto. Tempo limite. Tempo vida. Tempo que mata. Mata devagar.

Porra!

Porra! A minha dor? Que dor? A dor de cremar, não um corpo, mas de deixar viva a morte há muito anunciada? Sim. A dor de saber que me deixei morrer ainda viva.

O que fiz eu, filha? O que fiz eu do tempo que tive como meu?

Bebo um copo de vinho tinto. Vermelho dor.

Bebo só. Sem brindes ou se quer razões para tal. Não deveria estar a chorar o corpo ainda quente do teu pai?

Não consigo.

Sinto que o chorei em vida e é isso que agora dói. Sinto-me viúva, tal qual a tipográfica. Sou a linha que termina um parágrafo, mas não tenho a largura da página. Sobram partes de mim. Espaço não ocupado. Ausência de conteúdo.

Ontem percebi que não fiz do tempo, um aliado. Desalinhei os dias. Desarranjei o norte.

Desfigurei-me. Desfigurei-me.

Tenho 67 anos e estou só.

Há muito que comi as metáforas. Fiz do tempo um destempo. Ficou-me a vida sem adereços. Peça de teatro minimalista. Despida de tudo, até de mim. Até de mim.

Na juventude fiz-me geométrica. Entreguei-me aos limites da simetria. Tudo em mim era rigorosamente pensado. Ilustrado. Dos cabelos negros escorridos, aos lábios desenhados a vermelho. Uma senhora. Um binómio por opção.

Sabes, filha, houve tempos em que fiz do amor campo de batalha. Onde transgredi consciente

do caminho sem retorno. Tempo amor. O meu seria diferente. Único. O mais belo.
No amor reinventamo-nos só porque sim.
O teu pai sabia-o.
Bebeu de mim a mais bela história de amor. Bebemo-nos. Tantas vezes. Tantas.

Hoje resta-me por companhia esta taça de vinho. Bebo só. Sedenta de mim.

Não sei porque te escrevo, minha filha... talvez porque o amor é maior do que as horas do dia.
Maior do que o tempo. Ou, talvez, porque ainda acredite que as palavras me deixam fazer do
tempo trapézio e, quem sabe, por ironia ainda faça do tempo palavra. E da palavra... um
poema de amor.

Menção Honrosa

Camila Sardinha Ré Vieira dos Santos

Título:

Quando eu digo

Texto:

Quando eu digo eu não digo,
porque quando eu digo eu não digo.
Quando tu dizes eu não digo.
Porque te amo. Como tu a mim,
porque eu não digo.

Menção Honrosa

Inês Vieira

Título:

O piano

Texto:

I

O som...

Suave e enternecedor

Provavelmente Debussy ou Albinoni

(...) era o andamento perfeito

a sinfonia inacabada

(...)

Adagio era suave, vagaroso

mas imponente.

Na sua singularidade mostrava a sua mestria.

No seu conforto

a sua fragilidade...

(...)

Ele era velho

cansado

provavelmente magoado

Já á muito que não era tocado

(...)

por entre notas...

Letárgicas

Vinha-nos a brisa do mar

(...) o compasso do seu rufar

Ele era o Desassossego

Uma tempestade em pleno mar
Era o trilhar impetuoso
De uma vida sem amar

(...)

Era

O grito de uma gaivota

que nunca tinha aprendido a voar

II

Allegro...

Ela
...era obra dele

em Março Vivaldi deu-lhe forma

do peito desabrochavam dois botões de cerejeira.

Se era por ser a primeira ninguém sabia
mas Allegro era leve e ligeira

(...)

... a sua máxima criação...

(...)

E foi assim que nesse equinócio
... que nesse derreter de gelo
caiu a primeira gota
da sua perdição

III

(...) eles conheciam-se
No seu individual apenas parte
Juntos o todo

Ela era o fogo que ele não tinha

...

(...)Allegro era imperdoável intocável(...)
(pensara ele)
(pensamento difuso
pensamento confuso que apenas
ela coordenava)

Nele ela perdia-se...
Nela ele aprendia

Eles eram a composição...
Ela fazia as notas
...ele ordenava-as

...

IV

Nas águas tormentosas
Ela era o farol dele

(...) por entre as colcheias
amavam-se(...)

V

Ela era a loucura dele....
ele era louco por ela....

...juntos queimavam-se...
...juntos amavam-se....

Ps: para ti.

Menção Honrosa

Patrícia Brásia

Título:

Fiz as contas

Texto:

Meu,

O nosso amor é novo, mas parei para fazer as contas - como quem se para no meio da rua de indicador tímido, considerando a possibilidade de um desastre ou de uma dádiva-, e penso que estás enganado. Quando disseste que não foi nada, que eu não te dei nada, que não somos nada.

Permite-me que te dê alguns exemplos.

Foram quarenta e seis os abraços. Dados de repente como se nos apercebêssemos a cair e mutuamente nos segurássemos.

Mais de setecentos beijos. muito mais, entre beijos pequenos e beijos de verdade onde procurávamos um no outro chegar o mais perto que alguém já chegou de alguém.

Dez vezes, poucas mas íntimas, as vezes que despertei para ti e te sussurrei ao ouvido a minha alegria por um novo dia para nós.

Infinitos, os olhares - foram tantos -, entre paredes e entre multidões, sempre de luz acesa, olhos fixos nos meus olhos os teus olhos, um no outro, nós, infinitos.

Meu amor, nada, foi um resultado ao qual não cheguei. Mas sei que o tudo te engole e amar-me dói, quando o restante te dá tão pouco.

Volta.

Fica.

Eu prometo ser menos.

Deixar-te chegar de manso ao resultado que desejares. Somar apenas para dentro, segura nos teus braços.

Eu aceito as tuas incógnitas.

Desde que o resultado seja ver em ti o passar do resto do tempo

Tua,